



**BARTOLOMÉ MITRE, ANDRÉS LAMAS E O IMPÉRIO BRASILEIRO:
DIPLOMACIA, ESTUDOS HISTÓRICOS E REDES DE SOCIABILIDADE
(1830-1880)**

BARTOLOMÉ MITRE, ANDRÉS LAMAS AND THE BRAZILIAN EMPIRE:
DIPLOMACY, HISTORICAL STUDIES AND SOCIABILITY NETWORKS (1830-1880)

ANA PAULA BARCELOS RIBEIRO DA SILVA¹

Resumo

Neste artigo, analisamos as relações do argentino Bartolomé Mitre (1821-1906) e do uruguaio Andrés Lamas (1817-1891) com o Império brasileiro. Focalizamos no período entre as décadas de 1830, quando, no contexto rosista, Lamas esteve no Brasil, e 1880, década final da monarquia. Apresentando como eixo comum a atuação política, diplomática e historiográfica, ambos eram próximos ao Império e a ilustres intelectuais e agentes da sua política externa, além de terem vivido ou circulado pelo Brasil em diferentes momentos. Eram também membros do IHGB, local de sociabilidade fundamental para estes homens ligados à diplomacia e à escrita da história nacional no Oitocentos. Pensamos suas ideias em torno do Império e do Imperador e os reflexos dessa relação para as disputas territoriais no Prata e a formação de uma historiografia na região. Como fontes, utilizaremos, entre outras, correspondências, artigos em periódicos e obras de suas autorias.

Palavras-chave: Mitre, Lamas, Império brasileiro.

Abstract

In this article, we analyze the relations of the Argentine Bartolomé Mitre (1821-1906) and the Uruguayan Andrés Lamas (1817-1891) with the Brazilian Empire. We focus on the period between the 1830s, when, in the Rosist context, Lamas was in Brazil, and 1880s, the final decade of the monarchy. Presenting political, diplomatic and historiographical action as a common link, both were close to the Empire and to illustrious intellectuals and agents of its foreign policy, in addition to having lived or traveled through Brazil at different times. They were also members of the IHGB, a fundamental place of sociability for these men linked to diplomacy and the writing of national history in the 19th century. We think about his ideas around the Empire and the Emperor and the consequences of this relationship for territorial disputes in Prata and the formation of a historiography in the region. As sources, we will use, among others, correspondence, articles in periodicals and works of their authorship.

Keywords: Mitre, Lamas, Brazilian Empire.

¹ Professora Associada de História do Brasil do Departamento de Ciências Humanas e do Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, na Faculdade de Formação de Professores. E-mail: anapaulabarcelos@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9625-1757>.



Introdução

O argentino Bartolomé Mitre (1821-1906) e o uruguaio Andrés Lamas (1817-1891) foram muito criticados por suas relações com o Império brasileiro. Em um contexto de rivalidades e conflitos políticos, territoriais e diplomáticos entre o Brasil e as repúblicas vizinhas, suas falas representaram um tom mais brando nas críticas dos países hispano-americanos ao Império escravista que se empenhava no domínio da região, principalmente do Prata. Com importantes atuações na política, na diplomacia e nas atividades intelectuais e jornalísticas em seus países, Mitre e Lamas se correspondiam com brasileiros ilustres, escreviam sobre o Brasil, pertenciam a instituições imperiais e estiveram por aqui mais de uma vez em busca de exílio, em missões diplomáticas ou com a finalidade de estreitarem seus laços intelectuais com o país, especialmente no que se refere à escrita da história. Membros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, ambos viram na instituição uma referência para o desenvolvimento dos estudos históricos no Prata e através dela ampliaram suas redes de sociabilidade. Sobretudo no que se refere a Lamas, como veremos, Tomás Sansón Corbo afirma que o uruguaio teria sido o articulador entre o campo historiográfico brasileiro e o incipiente “espaço historiográfico” (2011) rio-platense. Ao mesmo tempo, Mitre e Lamas atuaram em conjunto na construção de um conhecimento histórico na região, voltado para a escrita de histórias nacionais, naquele período ainda de fluidez e indefinição de nações e nacionalidades. Conheceram-se em Montevidéu entre o final dos anos 1830 e o início dos anos 1840 e trocaram ideias, informações e documentos históricos até a morte de Lamas em 1891, o que pode ser percebido na correspondência disponível em seus acervos pessoais em Buenos Aires e em Montevidéu.

O interesse pelo Brasil está presente em boa parte dessa correspondência, sendo estimulado por questões diplomáticas, referidas às disputas territoriais no Prata ou à atuação do Império na independência uruguaia e no combate a Rosas. Além disso, era motivado por objetivos intelectuais, como a troca de livros, dados e fontes. O mesmo interesse também é percebido em artigos de jornais e obras de suas autorias e passava pelo silenciamento da escravidão e pelo olhar brando e cordial sobre o Império e o Imperador. No lugar de um inimigo a ser combatido, o Império aparece como um gigante com o qual, em diferentes momentos, é aconselhável aliar-se em busca de apoio em períodos de crises internas.



Influente e bem recebidos no Brasil, Mitre e Lamas participaram de um notável círculo que incluía o Imperador Dom Pedro II e proeminentes políticos como os Ministros Paulino José Soares de Souza e José Maria da Silva Paranhos, respectivamente, os Viscondes do Uruguai e do Rio Branco. Assim, longe de estarem isolados, estes homens circulavam, viajavam, se correspondiam e, conseqüentemente, inseriam-se em redes que os fortaleciam política e intelectualmente nas disputas de sua época, com destaque neste artigo para aquelas relacionadas à política externa em um contexto de formação e consolidação dos seus países. Nesse sentido, a relação com o Império é evidente e deve ser destacada. Até porque, o próprio Império correspondia a este interesse e identificava a necessidade de aproximação e conhecimento sobre os países vizinhos. Afinal, como afirma Maria Elisa Noronha de Sá, em artigo sobre as imagens do Brasil nos escritos de Sarmiento, “nossos intelectuais, periodistas e políticos sempre olharam para os povos vizinhos do continente, com quase tanto interesse e insistência quanto o faziam com relação à Europa e aos Estados Unidos” (SÁ, 2021, p. 20).

Maria Ligia Prado (2011/2012), ao tratar das histórias conectadas e transnacionais, destaca a contribuição do estudo das interconexões na história da humanidade. Assim, ganham destaque as redes, os processos, as crenças e instituições, transcendendo os espaços nacionais. Para a autora, este enfoque é bastante produtivo quando aplicado ao Brasil inserido em um amplo horizonte proporcionado pela América Latina. Sem excluir as contribuições da perspectiva comparada, as interconexões, viabilizadas pela ultrapassagem das fronteiras nacionais, geram olhares cruzados e novas e complexas questões que desafiam os historiadores. Partimos, com isto, da história intelectual proposta por Carlos Altamirano, de modo a compreender as conexões entre os sujeitos históricos aqui elencados, os diálogos entre si e as redes formadas em grupos, associações e outras esferas de atuação. De acordo com o autor, “los intelectuales son personas, por lo general conectadas entre sí en instituciones, círculos, revistas, movimientos, que tienen su arena en el campo de la cultura” (ALTAMIRANO, 2008, p. 14). Daí a relevância de serem pensados por meio daquilo que os conecta e relaciona.

Ainda segundo Altamirano, até o começo do século XX, apesar do surgimento de novas profissões intelectuais, persistiu a tendência aristocrática dos letrados, “la reivindicación del ‘capital cultural’, para emplear el lenguaje de Pierre Bourdieu, como factor de excelencia social” (ALTAMIRANO, 2008, p. 19). Assim sendo, as ideias de Bourdieu (1983) acrescentam ao trabalho uma reflexão acerca do capital que possuem estes intelectuais

e do quanto a inserção em redes e grupos os fortalece. Simultaneamente, auxilia a pensar como estes sujeitos alcançam visibilidade, ocupando espaços culturais e de poder durante boa parte do século XIX. Bourdieu pensa o capital cultural como um poderoso princípio de diferenciação. Sujeitos portadores de capital cultural seriam marcados por uma trajetória e uma formação que os diferenciam socialmente permitindo que dirijam, administrem e assumam posições de mando, garantindo a dominação de classe. A relação com um grupo se faz ainda mais necessária para a consolidação e o reconhecimento dos intelectuais, permitindo-lhes alcançar capital cultural, *status*, prestígio, bem como serem reconhecidos, ocuparem posições, serem lidos, referenciados e reverenciados como representantes de uma ideia ou uma época. Veremos ao longo das trajetórias intelectuais e diplomáticas de Mitre e Lamas o quanto a posse de um capital proveniente da origem familiar ou de redes viabilizou o alcance destes elementos.

Embora com uma perspectiva distinta e, em determinados aspectos, crítica à Bourdieu, acrescentamos à análise a leitura de Jean-François Sirinelli (2003). Questionando o sentido estratégico da noção de capital de Bourdieu, o autor defende a necessidade de se deixar espaço ao inesperado e ao fortuito, já que o complexo e permeável meio intelectual não poderia ser reduzido à mera estratégia. Sirinelli entende a existência de estruturas de sociabilidade difíceis de se apreender e variáveis de acordo com a época e subgrupos intelectuais estudados. Ao mesmo tempo, o fator idade interfere dando origem a fenômenos geracionais que resultam em questões, desafios e interesses comuns. O autor acrescenta ainda o aspecto da afetividade no qual a amizade ou a hostilidade e o rancor adquirem um significado específico e decisivo:

A simpatia e a amizade, por exemplo, e, ao contrário, a rivalidade e a hostilidade, o rancor e o ciúme, a ruptura e o desentendimento, exercem, como em toda microsociedade, um papel por vezes decisivo [tradução nossa] (SIRINELLI, 1986, p. 104).

As especificidades do meio intelectual gerariam, portanto, “microclimas”. Assim, interpenetrando-se o afetivo e o ideológico:

(...) as “redes” secretam, na verdade, microclimas à sombra dos quais a atividade e o comportamento dos intelectuais envolvidos frequentemente apresentam traços específicos. E, assim entendida, a palavra sociabilidade reveste-se portanto de uma dupla acepção, ao mesmo tempo “redes” que estruturam e “microclima” que caracteriza um microcosmo intelectual particular (SIRINELLI, 2003, p. 252-253).

Partindo da premissa que aspectos afetivos e geracionais não excluem estratégias políticas pela obtenção de capital, entendemos que Mitre e Lamas apresentam questões geracionais específicas, referidas à garantia das independências e da formação de seus países como Estados nacionais, são parte de um meio intelectual organizado em torno de associações e publicações e, também, utilizam-se dessas redes na obtenção de prestígio e reconhecimento como atores políticos fundamentais em seus países. Inseridos nas redes imperais, ambos foram vistos em diferentes episódios como mediadores e solucionares de conflitos diplomáticos. Portanto, fortaleceram-se politicamente, galgaram postos ou funções de destaque na diplomacia, ampliaram amizades e inimizades e construíram vínculos que foram acionados a fim de se viabilizar uma solução para as disputas, como veremos adiante. Quando as tensões se aprofundavam, frequentemente, eram sujeitos bem inseridos e relacionados como Mitre e Lamas os convocados a negociarem acordos.

A construção deste artigo também se dá a partir da abordagem de Carlo Ginzburg (2004) para os estudos de história das ideias. Entendemos o conceito de circulação cultural e de ideias como capaz de redefinir o próprio olhar sobre o objeto, na medida em que propõe uma reflexão sobre os múltiplos aspectos e leituras que constroem o pensamento e não apenas o conteúdo que dele se apreende. Assim, torna-se importante mapear quem um autor lia e citava, por onde circulava, quais as influências ao longo de sua trajetória, as viagens, os círculos sociais de relacionamentos, as famílias, entre outros aspectos que mostram sujeitos dinâmicos, intercambiáveis e em constante processo de formação. Afinal, segundo Ginzburg, os processos de produção do conhecimento são sempre dialógicos, já que ninguém pensa sozinho. Entendemos que esta perspectiva contribui para o entendimento das relações entre Mitre e Lamas e de ambos com o Império brasileiro. Pensamos, deste modo, homens conectados, em movimento e formuladores de um pensamento dialógico construído a partir de ideias em constante circulação. Refletimos sobre as ideias que circulavam entre eles, as questões comuns que os envolviam e suas atuações conjuntas na formação de um espaço historiográfico na Argentina e no Uruguai.

A partir destas questões e referências principais, estruturamos a análise de maneira, primeiramente, a apresentar as viagens de Mitre e Lamas ao Brasil e os contatos diretos que construíram no país ampliando suas redes de sociabilidade e fortalecendo suas posições como intermediadores dos interesses de seus países no Império. Em seguida, destacaremos os diálogos entre eles, em especial a atuação conjunta na tentativa de desenvolvimento dos



estudos históricos no Prata, entendidos como a organização de espaços institucionais dedicados à história e inspirados no IHGB e, ao mesmo tempo, como a sua mobilização na esfera da diplomacia. Apontados seus vínculos entre si e com o Império, pensamos mais diretamente as ideias de cada um sobre a monarquia brasileira, o Imperador e as relações entre Império e repúblicas hispano-americanas.

Mitre e Lamas circulam pelo Brasil: viagens e estadias entre as décadas de 1830 e 1870

Filho de Luís Lamas, importante político do Partido Colorado, Andrés Lamas iniciou sua atuação diplomática aos 16 anos, o que já dá indícios da influência de sua família de origem e, por conseguinte, do capital que possuía nos meios políticos e intelectuais. Segundo informa Nicolás Arenas Deleón, “una vez iniciada la guerra² [Lamas] se transformó en Secretario de Gobierno, Relaciones Exteriores y Hacienda del Gobierno de la Defensa (1839), obligación que abandonó, al poco tiempo, para ostentar diversos cargos políticos, entre los que destacan el de Secretario del presidente de la República (1840) y Jefe Político de Montevideo (1843)” (DELEÓN, 2019, p. 105). Muito atuante na imprensa desde 1835, entre agosto e dezembro de 1836 exilou-se no Brasil em razão da campanha de oposição a Rosas e Oribe que empenhava no jornal *El Nacional*, em Montevideu. Diante da censura, do fechamento do jornal e do afastamento de suas funções no ministério, Lamas buscou refúgio no Rio de Janeiro. Segundo consta no Tomo I dos *Escritos Selectos del Doctor Andrés Lamas*, em uma breve biografia assinada por Pablo Blanco Acevedo³, “en la capital brasileña frecuenta círculos de emigrados políticos argentinos y uruguayos, y, a pesar de su juventud, alterna en las ruedas con Lucas J. Obes, con el general Alvarez Thomas y con Bernardino Rivadavia, en cuya compañía hiciera el viaje desde Montevideo” (ACEVEDO, 1922, p. XIX). Assim, apesar de curto, o período no Brasil ainda nos anos 1830 contribui para o fortalecimento de suas redes não apenas com importantes nomes do Império, mas também, como vemos na fala de Acevedo, com notáveis políticos argentinos e uruguaios em circulação pelo Rio de Janeiro.

² Aqui o autor refere-se à Guerra Grande, episódio mencionado mais adiante e esclarecido na nota 7.

³ Nasceu em Montevideu em 1880 e faleceu em 1935. Advogado, ocupou a cátedra de Direito Constitucional da Facultad de Derecho y Ciencias Sociales da Universidad de la República (Uruguay). Foi Ministro da Instrução Pública entre 1922 e 1925. Atuou na pesquisa histórica, com foco no período colonial e nas independências. Ver: https://historiasuniversitarias.edu.uy/wp-content/uploads/2016/09/Blanco_Acevedo_Pablo-1.pdf



Em 1847, Lamas volta ao país. Desta vez, a estadia duraria 15 anos, até 1862, e seria marcada pela atuação como Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário do Uruguai com a função de garantir a independência oriental e obter apoio do Brasil em uma aliança militar contra Rosas. Chegou ao Rio de Janeiro em dezembro de 1847, mas logo depois mudou-se para Petrópolis, como faziam muitos diplomatas na época, em fuga da febre amarela. Segundo Corbo (2011), ali estreitou laços com o Imperador, chegando a recebê-lo em sua casa. Esta aproximação resultou na condecoração com a Cruz da Ordem de Cristo. Durante a missão no Brasil, geriu acordos e convênios e dedicou-se ao trabalho intelectual, publicando artigos e livros sobre a política do Brasil no Rio da Prata e sobre negociações entre o Uruguai e o Brasil. Acreditava que a aliança com o país seria fundamental para manter a independência e a soberania uruguaias. Isto lhe rendeu muitas críticas de seus opositores, inclusive após sua morte, em 1891. Logo no início deste período de estadia no Brasil, em 1848, ingressa no IHGB como sócio correspondente. A experiência foi substancial em sua formação intelectual e nela se inspirou para a tentativa de institucionalização dos estudos históricos no Rio da Prata por meio das propostas de criação do Instituto Histórico do Uruguai, em 1843, e do Instituto Histórico do Rio da Prata, em 1854, encabeçadas por ele e por Mitre, conforme trataremos em outro momento deste texto.

A atuação diplomática de Lamas no Brasil resultou nos polêmicos Tratados de 12 de outubro de 1851. Neste ano, o Império intervém contra Juan Manuel de Rosas e Manuel Oribe, tendo como aliados Justo José de Urquiza, chefe federalista argentino, e os colorados uruguaios. A intervenção brasileira derrotou a ambos e contou com a mediação de Lamas. O apoio financeiro e militar do Império era necessário para garantir a sobrevivência do Uruguai. Foram assinados, então, cinco tratados no Rio de Janeiro, considerados desiguais entre as partes: Tratado de aliança, que garantia apoio do Brasil ao governo e o direito de intervenção brasileira em assuntos internos uruguaios; Tratado de extradição, no qual o Uruguai se comprometia a devolver escravos brasileiros fugitivos; Tratado de prestação de socorros, em que o governo brasileiro outorgaria um subsídio mensal ao governo uruguaio; Tratado de comércio e navegação, que declarava comum a navegação no rio Uruguai e seus afluentes e concederia ao Brasil a cláusula de nação mais favorecida; Tratado de limites, que significava a renúncia aos territórios das Misiones orientais que, de acordo com o Tratado de Santo Ildefonso (1777), seriam possessão espanhola (NAHUM, 2019, p. 97-98).



Para Benjamín Nahum, “los tratados de 1851 fueron motivo de permanente enfrentamiento entre blancos y colorados. Los primeros los consideraron atentatorios contra la soberanía nacional; los segundos argumentaron que hacía muchos años que los territorios perdidos estaban en poder de Brasil y que eran irrecuperables” (NAHUM, 2019, p. 98). Ainda de acordo com o autor, o fato é que os tratados foram de grande importância, definiram os limites com o Brasil, possibilitaram a ingerência do Império na política uruguaia, permitiram aos colorados se manterem na luta contra Oribe e Rosas e foram o preço que o Brasil cobrou para entrar no conflito. Para Gerardo Caetano, “muchos decían que para el Uruguay se iniciava una ‘nueva Cisplatina’, en referencia al notorio poder brasileño que volvía a hacerse presente en forma inocultable” (CAETANO, 2019, p. 77). Deste modo, frequentemente a independência plena era desacreditada com o argumento de que o Estado uruguaio carecia de bases mínimas para assegurar a ordem interna. Lamas foi duramente criticado pela assinatura dos tratados. Sua relação próxima com o Império foi apontada como razão para ter cedido aos acordos desfavoráveis ao seu país. Alguns anos depois, em 1855, escreveu o livro *A sus compatriotas*, no qual justifica-se e defende-se das acusações de traição. O trabalho será analisado em ocasião mais oportuna neste artigo, quando refletiremos acerca de suas ideias sobre o Brasil. O jornal *El Nacional*, por ele fundado, e muitos autores ao tratarem de suas memórias também o defenderam, apontando os acordos como necessários e a única possibilidade de obtenção do apoio brasileiro no combate a Rosas. Em 1853, o *El Nacional* defende a aliança com o Brasil, afirmando:

En lo que hace a nuestras relaciones con el extranjero el “Nacional” sostendrá la necesidad de la alianza con el Brasil, basándola en la leal ejecución de los tratados que como un último servicio a la República celebró el gobierno de la defensa (EL NACIONAL, 14/09/1853).

Ao defender a aliança com o Império, o jornal defende a atuação diplomática de Lamas. Quase cem anos depois, em conferência proferida por Cláudio Ganns⁴ no IHGB (em 21 de maio de 1943) e no Instituto Histórico do Uruguai (em 01 de junho de 1943), intitulada “D. Andrés Lamas e o Brasil”, ganham destaque sua juventude ao chegar ao país em 1847 (30 anos de idade), sua habilidade diplomática, seu círculo de relações e, especificamente, sua

⁴ Nasceu no Rio de Janeiro em 1896 e faleceu na mesma cidade em 1960. Foi bacharel em direito com atuação nas letras. Tornou-se sócio honorário do IHGB em 1939 e efetivo em 1940. Foi diretor interino da Revista do Instituto. Entre outras instituições, foi também membro do Instituto do Uruguai. Ver: <https://ihgb.org.br/perfil/userprofile/claudioganns.html>



atuação nas negociações dos Tratados de 1851. Segundo o conferencista, que, evidentemente, investe em uma narrativa favorável à memória de Lamas, o diplomata uruguaio teve que assinar os tratados “a favor do seu país devastado” (GANNS, 1943, p. 222). Ganns afirma que o pouco que se abriu mão:

(...) era mínimo, em relação aos resultados enormes e maravilhosos obtidos com a plena adesão do Brasil, na defesa e sustenção da nacionalidade uruguaia, a pique de soçobrar naqueles dias dramáticos, riscados de incertezas e de desfalecimentos (GANNS, 1943, p. 223).

Acrescenta ainda que logo começaram as:

(...) intrigas e difamações dos inimigos a ferir não só a dedicação e a perfeita lealdade do seu plenipotenciário, como a resvalar pela honra do homem de Estado que, então se dizia, numa triste incompreensão dos magníficos resultados que alcançara - fôra simplesmente vendido ao Brasil (GANNS, 1943, p. 223).

A partir dali passaria a ser apelidado pejorativamente como “El Brasileño”. No entanto, para o conferencista, a ação diplomática de Lamas teria representado um “êxito espetacular” (GANNS, 1943, p. 223). Ganns ainda aponta Lamas como merecedor da amizade de D. Pedro II, Paulino José Soares de Sousa (o Visconde do Uruguai), Honório Hermeto Carneiro Leão (o Marquês do Paraná) e Irineu Evangelista de Sousa (o Barão de Mauá). Nomes de muito peso, portanto, são sublinhados em sua relação com o Brasil. Por fim, Ganns lembra que, após sua saída do país em 1862, Lamas teria visitado Montevidéu e depois seguido para Buenos Aires, onde viveria até sua morte e estabeleceria convívio assíduo com Sarmiento e Mitre. Quando em 1860 o presidente uruguaio comunica ao Imperador o fim da missão de Lamas no Brasil, D. Pedro II responde apontando em Lamas um garantidor das boas e harmônicas relações entre os países que teria sempre procedido de maneira digna e honrosa e, com isto, recebido bom acolhimento do seu governo⁵. Em suas palavras:

No desencargo de suas funções diplomáticas, o Senhor Lamas procedeu de maneira digna e honrosa, esforçando-se por cimentar a base das boas relações como convém entre Países que pela posição topográfica que ocupam, são chamados a viver na mais completa harmonia e boa inteligência. Com esses títulos adquiriu aquele Ministro direito ao bom acolhimento, que nunca lhe faltou da parte do Meu Governo (D. PEDRO II, 04/12/1860).

⁵ Cabe aqui a observação de que a carta é manuscrita pelo então Ministro dos Negócios Estrangeiros, João Luis Vieira Cansansão de Sinimbú, que aparentemente transcreve a mensagem de D. Pedro II. Na assinatura consta “Imperador”, seguida também pela assinatura de Sinimbú.



Bastante tempo depois, já na década de 1870, Bartolomé Mitre esteve no Brasil por duas vezes, em 1871 e em 1872. Em 1871, o objetivo era pessoal, visitar o túmulo do seu filho Jorge Mitre, sepultado no Rio de Janeiro (DE MARCO, 2004). Aproveitou, no entanto, para ampliar seus contatos e estreitar laços com a intelectualidade brasileira. Aqui encontrou personalidades, esteve em redações de jornais e visitou bibliotecas e arquivos, como forma de investimento em seu trabalho como historiador, e, principalmente, tornou-se sócio honorário do IHGB. Sua indicação foi assinada por Candido Mendes de Almeida, Olegario Herculano de Aquino e Castro, Francisco Baltazar da Silveira, Joaquim Antonio Pinto Junior, J. C. Fernandes Pinheiro e pelo Visconde do Rio Branco. Este último naquele momento era presidente do Conselho de Ministros do Império, o que serve de pista para o entendimento do peso de sua rede de sociabilidade no Brasil. Seu discurso de posse foi registrado em ata da sessão do Instituto de 01 de dezembro daquele ano. Nela o secretário suplente Moreira D’Azevedo relata que enquanto lia seu trabalho *História do comércio*, o senador Candido Mendes foi interrompido pela chegada do ex-presidente argentino. Segundo a ata, Mitre “foi recebido por todos os membros do Instituto com a maior consideração” (RIHGB, 1871, p. 350). Ao terminar sua leitura, Candido Mendes teria dito que o Instituto tinha a satisfação de receber Mitre, “que, além de distinto literato e notável historiador, *muito se havia recomendado a esta respeitável corporação pela sincera amizade que votava ao Brasil*, e ainda mais pelo desvelado interesse que tomava pela história e geografia da América” [grifo nosso] (RIHGB, 1871, p. 350). Vemos, notadamente, o destaque conferido a sua proximidade com o Brasil. Mitre, em seguida, agradece a nomeação e se declara discípulo do IHGB, instituição que:

(...) perseverando em sua tarefa e trabalhando sem descanso, era a associação científica que mais alto se havia levantado na América do Sul, dando ao mundo um novo contingente que iluminara o horizonte da história, da geografia e da etnografia americana (RIHGB, 1871, p. 350).

No ano seguinte, em 1872, Mitre voltou à capital do Império. Dessa vez, para uma missão diplomática que negociaria os limites do Paraguai após a guerra. O contexto era de disputas territoriais. Em 9 de janeiro de 1872, foi assinado o Tratado Loizaga-Cotegipe, resultado de acordos em separado com o governo paraguaio, no qual o Império brasileiro ficava com a terceira parte do Paraguai. O tratado encontrou forte oposição entre políticos e a imprensa argentina, que fez duras críticas ao Brasil. A crise atingiu ponto crítico quando, em



27 de abril, Carlos Tejedor, Ministro das Relações Exteriores argentino, publicou uma nota de protesto contra o acordo que infringiria as decisões do Tratado de Aliança, assinado em 1865. Naquele momento, Mitre foi considerado por Sarmiento, o então presidente, o nome mais indicado para acertar as questões pendentes com o Império em razão do seu prestígio e das amizades no país. Assim, em junho de 1872, o general foi designado como Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário em missão especial ao Rio de Janeiro. Entre outros objetivos, estavam o reconhecimento do Tratado de Aliança pelo governo brasileiro e a desocupação do território paraguaio por forças aliadas.

Para Francisco Doratioto, em desvantagem militar e política, a Argentina usou da diplomacia a fim de garantir o Tratado de Aliança, mas os resultados da missão Mitre teriam sido infrutíferos (DORATIOTO, 2002). Não obstante, podemos dizer que a atuação de Mitre em 1872 contribuíra para apaziguar as tensas relações entre os países, impedindo o que poderia ter se tornado um novo conflito direto e armado. Ao mesmo tempo, consideramos sua missão como importante janela de reflexão para as relações diplomáticas entre Brasil e Argentina no período posterior à guerra. O evento permite ainda pensar a relação entre Mitre e políticos brasileiros e a leitura mais amena, ainda que influenciada por interesses estratégicos, que faz do Império e repercute em seu país. O episódio foi amplamente tratado nas imprensas brasileira e argentina. Nos limites deste artigo, o veremos novamente adiante, conjugado a um olhar sobre o Império, no jornal *La Nación*, fundado pelo próprio Mitre em 1870.

Sociabilidades e viabilização dos estudos históricos: o intercâmbio entre Mitre e Lamas e a influência do IHGB

Antes de uma reflexão mais detida acerca dos olhares de Bartolomé Mitre e Andrés Lamas sobre o Brasil, consideramos necessária uma incursão pelas relações entre ambos, bem como entre eles e uma instituição que situamos como chave na construção de suas sociabilidades intelectuais brasileiras e em suas interpretações sobre o Império: o IHGB. Segundo Fernando Devoto, Mitre seguia atentamente as atividades do Instituto. O autor sintetiza a análise proposta neste item:

En los vínculos originales [de Mitre] desempeñó un papel importante Andrés Lamas, miembro correspondiente de ese Instituto [o IHGB], que actuaba como mediador entre ése y otros estudiosos (...) (DEVOTO, 2008, p. 282-283).



Tratando dos vínculos intelectuais de Mitre, Devoto destaca o importante diálogo com Lamas e, ao mesmo tempo, seu papel de mediação entre diferentes estudiosos e o IHGB, instituição a qual pertencia desde 1848. Portanto, estamos de acordo com o autor ao apontar em Lamas uma ponte entre Mitre e o Instituto. Consequentemente, identificamos também esta correlação entre Mitre e Lamas e uma interpretação de Brasil produzida e divulgada neste importante local de sociabilidade imperial, como veremos.

Ainda de acordo com Devoto, que trata comparativamente da escrita de uma história nacional no Brasil, na Argentina e no Uruguai, nestes últimos países as instituições necessárias ao trabalho erudito eram frágeis ou ausentes. Mas, no Brasil, havia o IHGB, que, financiado pelo Imperador, viabilizava uma pesquisa histórica ligada a uma sociedade cortesã e a uma estrutura de poder imperial. No Prata, prevalecia a instabilidade política e obstáculos financeiros que dificultavam o desenvolvimento dos estudos históricos. Apesar desta fragilidade, Devoto lembra que havia outros espaços de sociabilidade intelectual que não as instituições formais e que giravam em torno de afinidades e amizades, o que resultava em um nível baixo de profissionalização desses sujeitos:

En todos los casos, los espacios reposaban en criterios de afinidades sociales y amicales mucho más amplios de los que podrían presuponerse a un común interés por el pasado, y como resultado el nivel de especificidad o de “profesionalidad” era bastante bajo y la heterogeneidad intelectual muy grande (DEVOTO, 2008, p. 276).

Assim, as associações históricas funcionavam mais como espaços de prestígio do que como locais de produção da pesquisa histórica. Ao mesmo tempo, as fontes e a bibliografia situavam-se mais em esferas e acervos privados do que públicos, de modo que espaços de sociabilidade informais viabilizavam o intercâmbio de livros e documentos (DEVOTO, 2008).

Estes intercâmbios eram bastante estendidos e não necessariamente demandavam interação pessoal, mas sim “reposaban en los lazos epistolares a la distancia. En este plano una vasta red internacional de relaciones se establecía entre aquellos que sí tenían interés en la historia (...)” (DEVOTO, 2008, p. 277). Deste modo, para além dos contatos pessoais, situavam-se os vínculos com revistas, jornais, associações e, como destaca o autor, as cartas trocadas entre estes homens e nas quais expressavam o público e o privado, a preocupação com o contexto político, reclamações pessoais, projetos intelectuais, entre outros temas dos

quais também trataram Mitre e Lamas. Cabe neste momento, com inspiração em Sirinelli, compreender melhor o papel das sociabilidades por eles construídas na construção de um incipiente espaço historiográfico no século XIX. Espaço este que terá Mitre e Lamas como impulsionadores e forte influência do IHGB. Ao mesmo tempo, veremos como este conhecimento histórico também relacionava-se à diplomacia de modo a melhor definir fronteiras, territórios e nacionalidades em um contexto de construção dos Estados nacionais pós-independência. Com isto, compreenderemos, ao menos em parte, os porquês da importância política e intelectual do Brasil para os sujeitos históricos aqui elencados.

Tomás Sansón Corbo afirma que o período de Lamas no Brasil, conforme visto anteriormente, foi fundamental para a formação de sua cultura histórica, pois adquiriu profundo conhecimento das práticas e concepções historiográficas dominantes no país. Partindo desta experiência, Lamas teria atuado como articulador entre o campo historiográfico brasileiro e o espaço historiográfico rio-platense, ainda frágil e marcado por instabilidade e dificuldades financeiras e de acesso à fontes. Segundo Corbo, diante desta vulnerabilidade, historiadores argentinos e uruguaios formavam “una comunidad intelectual que superaba las fronteras territoriales” (CORBO, 2015, p. 40). Assim, na falta de apoio institucional, custeavam livros, documentos e viagens, criando e fortalecendo redes pessoais e intelectuais fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa histórica. A aproximação pessoal e intelectual entre Mitre e Lamas começa a se desenvolver no final dos anos 1930 em Montevideu. Com clima liberal e cosmopolita e recebendo argentinos refugiados do governo de Rosas, a cidade no período seria marcada pela circulação de livros e ideias. Entre os letrados argentinos que lá viviam estava parte da geração de 1837⁶. Mitre frequenta este clima intelectual e a casa de Lamas. Eduardo Míguez destaca, além disso, suas origens uruguaias. A mãe era portenha; o pai uruaio. Por essa razão, na infância Mitre mudou-se com a família para Montevideu e viveu o clima dos anos 1830 e 1840 na cidade. Ao considerar a trajetória e as ideias de Mitre, e também as de Lamas, este clima montevidense e as questões da geração de 1837 devem ser considerados, tal como orienta Sirinelli para a análise do pensamento intelectual. Segundo Míguez, a interação de Mitre com a cidade era tanta que conseguiu alcançar participação política e ocupar lugares reservados aos montevidenses. Ainda sobre as origens familiares, cabe lembrar que, diferentemente de Lamas, Mitre provém de uma família

⁶ Sobre a geração de 1837, ver: WASSERMAN, 1997.



relativamente marginal às elites portenhas, segundo informa Devoto (2008), e, ainda assim, foi impulsionador e animador de importantes âmbitos de sociabilidade formais e informais do Rio da Prata.

Fabio Wasserman (2008) lembra que até meados do século XIX a ausência de Estados nacionais resultou na falta de histórias nacionais. Isto diferenciava a Argentina e o Uruguai dos casos do Brasil e do Chile, pois estes possuíam um Estado e seu apoio para o desenvolvimento e a difusão do conhecimento histórico. No Prata, os conflitos e outras formas de organização territorial dificultaram o processo. Entre estes conflitos destacam-se o governo Rosas a partir de 1835 e a Guerra Grande⁷, que resultou em sua derrota. Wasserman ressalta o marco da queda de Rosas para esta geração e para a renovação da vida pública na região. Afinal, considerado ditador e tirano por seus opositores, Rosas foi combatido por estes homens, inclusive por Mitre e Lamas.

Após a queda de Rosas, surge um novo clima, ou seja, um novo contexto favorável ao desenvolvimento de historiografias nacionais e de associações intelectuais que favoreciam os laços com instituições estrangeiras, inclusive brasileiras. Este intercâmbio internacional era fundamental na legitimação de suas existências. Importantes locais de sociabilidade, como já mencionado, elas e seus vínculos com instituições estrangeiras ainda favoreciam a legitimação “de sus socios, quienes gustaban ser reconocidos como corresponsales de tan prestigiosos centros” (WASSERMAN, 2008, p. 85). Mais uma vez, Mitre e Lamas foram, conjuntamente, protagonistas neste processo. Em 1843, Lamas criou o Instituto Histórico e Geográfico do Uruguai. Sendo este o contexto da Guerra Grande, o projeto não evoluiu em razão da instabilidade política, encerrando suas atividades em maio de 1844. A finalidade era a construção de uma história nacional que carecia de documentos e condições de produção. Nas palavras de Lamas, em carta enviada ao Ministro de Governo e Relações Exteriores Santiago Vásquez, em 23 de maio de 1843, os principais objetivos da instituição eram “promover el gusto por estos estudios, conocer y valorar las condiciones geográficas de

⁷ Ocorrida entre 1839 e 1852, a Guerra Grande foi causada pelas disputas, no Uruguai, entre os Partidos Blanco (liderado por Manuel Oribe) e Colorado (liderado por Fructuoso Rivera). Rivera declara guerra ao governo de Buenos Aires, liderado por Rosas, que apoiava Oribe. O conflito contou com a interferência do Brasil, da Grã-Bretanha e da França e terminou com a derrota de Rosas. Para este artigo, é importante destacar que quando assumiu na década de 1830, Rosas fechou o Rio da Prata. Além disso, seu projeto de reconstrução do Vice-Reino do Rio da Prata e o controle político da Confederação Argentina sobre os rios do Uruguai e do Paraguai representavam uma ameaça ao Brasil. Daí o interesse do Império em sua derrota. Ver: FERREIRA, 2006 e DORATIOTO, 2014.



nuestro país, los destinos a que ellas lo llaman; organizar su estadística (...)” (LAMAS, *Escritos selectos*, 1922, p. 69). Outra tarefa importante seria “formar un depósito de manuscritos, libros, mapas, etc., pertenecientes a la historia antigua y moderna de estas regiones (...)” (LAMAS, *Escritos selectos*, 1922, p. 69). A utilidade do Instituto também estaria no sentido de unidade política que poderia representar. A associação teria a capacidade de reunir os homens de letras do país que ali abririam mão de suas precauções e cores políticas (em uma referência a blancos e colorados) para se dedicarem a temas de interesse comum. Segundo Lamas, isso reuniria suas opiniões em favor da pátria. Nesse sentido, a criação do Instituto naquele momento acalmaria espíritos agitados pelas guerras.

A resposta do Ministro a Lamas chega em 25 de maio de 1843, apenas dois dias depois, informando do decreto que aprovava na íntegra o projeto apresentado e nomeando seus sócios fundadores. Devem ser ressaltados o tom patriótico do Ministro e, sobretudo, a percepção de que a instituição contribuiria para a legitimação da causa das independências do Prata. Entre os sócios fundadores nomeados, evidentemente, se encontrava Lamas:

(...) se declara que el Gobierno ha visto en ese pensamiento una prueba muy honrosa de las miras patrióticas y elevadas de su autor; y deseando solemnizar del modo que las circunstancias lo permiten, este día de gloriosa memoria para la América, decreta en él la creación de aquel Gran Establecimiento, depósito de los recuerdos y monumentos, de las hazañas y glorias que ilustraron la Causa de la Independencia de estas Regiones. (...)

(...) el Gobierno nombra socios fundadores del Instituto Histórico y Geográfico Nacional, a los señores don Melchor Pacheco y Obes, Andrés Lamas, Teodoro Miguel Vilardebó, Manuel Herrera y Obes, Cándido Juanicó, Florencio Varela, Fermín Ferreira, José Rivera Indarte (LAMAS, *Escritos selectos*, 1922, p. 77).

Os sócios nomeados pelo governo poderiam escolher quatro novos membros. Um deles foi Bartolomé Mitre. Muito efêmera, a associação, no entanto, inspira Mitre na criação do Instituto Histórico e Geográfico do Rio da Prata, em 1854 (cujas atividades foram encerradas entre 1859 e 1860). Lamas, evidentemente, é convidado à participação neste novo projeto por Mitre. Em 01 de julho de 1854, Mitre escreve a Lamas sobre projetos literários e a criação do Instituto do Rio da Prata. Destaca que um dos objetivos seria colocar-se em contato com associações literárias e científicas do exterior, principalmente com o Instituto do Rio de Janeiro. Expõe ainda os planos de iniciar uma revista do Instituto do Rio da Prata em alguns meses e afirma o desejo de contar com a colaboração de Lamas. Em carta de 14 de novembro de 1854, o uruguaio responde positivamente ao convite e promete o estreitamento dos laços com o IHGB, o que condiz com o papel que vimos exercer de ponte entre o Instituto e outros



intelectuais e instituições. Com isto, ainda legitima a si mesmo e amplia seu capital no campo intelectual:

Inútil decir a usted que he sabido con satisfacción la creación del Instituto Histórico y Geográfico del Río de la Plata, y que aceptaré agradecido el honor de pertenecerle. Deseo que usted sea más feliz que yo, esto es, deseo que las turbaciones y las miserias públicas no impidan la realización fecunda de su obra. Usted puede contar con mi cooperación para la Revista. Me encargaré también de ponerlo en íntima relación con el Instituto de Brasil, del que soy miembro, como lo soy de muchas otras asociaciones europeas, consagradas a estudios históricos y geográficos (LAMAS, 14/11/1854).

Ambos estavam envolvidos também em outros projetos de intercâmbio intelectual e historiográfico cuja análise não cabe nos objetivos deste texto. Entre eles, mencionamos, já nos anos 1870, a *Revista del Río de la Plata*, a série *Biblioteca del Río de la Plata* e a aquisição de documentos inéditos para a história do Rio da Prata em arquivos europeus. No que se refere ao Brasil, ao conhecimento histórico aqui produzido e ao IHGB, as referências frequentemente apareciam em suas correspondências. Em 4 de março de 1853, Mitre pede a Lamas a memória sobre a campanha dos brasileiros contra Artigas publicada nos anais do Instituto do Brasil. Em 26 de março de 1854, Lamas diz a Mitre que havia encontrado no Brasil o teto para seus filhos que pensou que adquiriria em Buenos Aires. Fala também das críticas que vinha recebendo por sua atuação no país (referindo-se aos Tratados de 1851) e informa que logo publicaria suas cartas oficiais para se justificar. Em carta de 12 de outubro de 1862, Lamas informa a Mitre o envio de todos os exemplares da *Revista do IHGB* até 1860, manifestando ainda seu fácil acesso a exemplares da publicação. Envia também um volume de notas estatísticas sobre a produção agrícola do Brasil e as biografias de poetas e homens ilustres de Pernambuco:

Envío también 23 volúmenes de la revista del instituto. Es colección completísima hasta fin de 1860. Le queda a usted faltando el tomo 24, que le remitiré a vuelta de paquete. En adelante estará usted al día, pues puedo disponer siempre de más de un ejemplar de los que publica aquella corporación.

Recorra usted los índices, y verá cuán importante es esa colección.

Remito a usted, además del libro mío que faltaba, un interesante volumen de notas estadísticas sobre la producción agrícola del Brasil, y las biografías de algunos poetas y hombres ilustres de la provincia de Pernambuco. (...) (LAMAS, 12/10/1862).

Em carta de 22 de dezembro do mesmo ano, Lamas envia a Mitre outras várias obras sobre o Brasil: a crônica dos franciscanos no Brasil, intitulada *Novo Orbe Seráfico Brasílico*, de Joboatam; *As primeiras negociações diplomáticas respectivas ao Brasil*, de Varnhagen;



Brazil and the Brazilians, de Kidder y Fletcher; *Ensaio crítico à viagem ao Brasil*, de Mansfield; *Voyage aux provinces brésiliennes de Pará et des Amazones*, de Belmar; e *Cartas do Solitário*, “expresión de las más avanzadas ideas económicas del partido liberal del Brasil” (LAMAS, 22/12/1862). O interesse de ambos pelo país é evidente, bem como a atenção direcionada aos trabalhos produzidos no país e, em especial, no IHGB. O Instituto funcionou como inspiração em suas atividades intelectuais e políticas e na criação de instituições congêneres que pudessem viabilizar os estudos históricos em seus países. Mitre e Lamas formaram um importante circuito de trocas intelectuais do Prata e tinham no IHGB um interlocutor fundamental. Segundo Corbo, eles representam “los vínculos, redes y circuitos de relacionamiento intelectual entre los historiadores rio-platenses y de éstos con otros de América Latina y Europa” (CORBO, 2011, p. 41). Além disso, embora as instituições por eles fundadas não tenham sido duradouras, o autor chama a atenção para “la persistencia de Andrés Lamas y Bartolomé Mitre que, inspirados en el ejemplo brasileño, buscaron, y con el tiempo, lograron, crear condiciones favorables para el desarrollo del conocimiento histórico en Argentina y Uruguay” (CORBO, 2015, p. 117).

Antes de uma reflexão mais ampla acerca de suas ideias sobre o Brasil, cabe ainda uma breve consideração sobre a imagem de Brasil construída no IHGB e que, certamente, influenciou muitas falas de Mitre e Lamas sobre o Império. Responsável, desde 1838, por uma leitura do passado que legitimasse a dinastia de Bragança, o Instituto era apoiado e financiado pelo Imperador e possuía desde sua fundação o projeto de escrita de uma história que fundamentasse a identidade nacional com base em um ideal de civilização europeu. Manoel Salgado Guimarães (1988) destaca o sentido político-pragmático de construção da nação a partir de exemplos do passado. Destaca ainda o papel das fontes documentais e das relações com instituições estrangeiras, em especial o Instituto Histórico de Paris. A partir de 1839, suas ideias passam a ser compiladas e divulgadas por meio da *Revista do IHGB*, na qual ganham destaque a questão indígena, as viagens e expedições científicas e a história regional. Nessa construção identitária, era preciso também se diferenciar dos outros que seriam, internamente, negros e indígenas e, externamente, as repúblicas vizinhas representadas como instáveis e bárbaras. Assim, as rivalidades entre os países eram fortalecidas por uma leitura de história que identificava os vizinhos como inimigos e buscava aproximação com o elemento europeu.



Maria Ligia Prado (2001) entende haver, no Brasil, um imaginário que pensa os vizinhos como outra América. Para a autora, as leituras da história do Brasil desenvolvidas pelo IHGB seriam um marco na construção dessa ideia, já que, comprometido com o Estado monárquico, o Instituto via as repúblicas vizinhas como instáveis e caóticas. Apesar disso, como sabemos, muitos intelectuais vizinhos foram admitidos no Instituto. Corbo destaca que estes homens foram recebidos positivamente por motivações geopolíticas e estratégicas que vão além do conhecimento histórico. Assim, “la actividad de los letrados rioplatenses en el IHGB tuvo un marcado cariz político. Desarrollaron una intensa propaganda procurando involucrar al Imperio en una alianza militar contra Rosas” (CORBO, 2018, p. 68). Este fora, como já sabemos, exatamente o contexto no qual Lamas se inseriu na instituição. No que se refere à política externa, Lúcia Paschoal Guimarães afirma que o IHGB “colaborou com o Ministério dos Estrangeiros, oferecendo subsídios para os estudos de demarcação de fronteiras” (GUIMARÃES, 2006, p. 21). Papel fortalecido a partir de 1851, quando foram elaborados seus novos estatutos. Na década de 1850, período central na política rio-platense com a intervenção contra Rosas e Oribe, a produção do Instituto sobre limites e fronteiras obteve grande crescimento, seguindo os interesses do governo e do Ministro dos Negócios Estrangeiros, Paulino José Soares de Sousa.

Considerando-se as múltiplas relações construídas entre estes homens, fica clara a necessidade de se pensar uma historiografia rio-platense, como defende Corbo. Perspectiva que vai ao encontro da proposta de ruptura com as fronteiras nacionais das histórias conectadas e transnacionais. Afinal, em conjunto, eles formaram circuitos intelectuais, círculos e redes de sociabilidade fundamentais para o desenvolvimento dos estudos históricos na região. Seus projetos, embora comprometidos com uma história nacional, iam além das fronteiras nacionais e representavam caminhos de aproximação entre países tão marcados pelas diferenças impostas por distintas formas de governo. As rivalidades foram muitas e em muitos momentos, manifestando-se em disputas diplomáticas e guerras que marcaram a região. Mas, o Brasil não isolava-se do restante da América, da mesma forma que as repúblicas hispano-americanas olhavam e buscavam constantemente o intercâmbio com ao gigante vizinho imperial. Rivais em questões políticas e diplomáticas, porém conectados. Estas conexões, redes e intercâmbios viabilizam projetos intelectuais e acordos diplomáticos, como demonstrado até aqui. Sujeitos históricos e diplomáticos, Mitre e Lamas tornam-se,



portanto, relevantes caminhos de análise que vão além da chave do distanciamento e do isolamento entre o Império e seus vizinhos.

Ideias de Mitre e Lamas sobre o Império brasileiro

Neste ponto da análise, torna-se necessário um panorama sobre as formas pelas quais Mitre e Lamas descreveram o Império brasileiro em alguns de seus textos. No caso de Mitre, destacaremos artigos do jornal *La Nación*, por ele fundado, e o livro *Historia de San Martin y de la emancipación sud-americana* (1887). Acrescentaremos ainda uma carta enviada ao Visconde do Rio Branco em 1875 na qual expressa uma interessante leitura sobre o Brasil. Lamas esteve muito voltado à compilação de documentos, mas também escreveu trabalhos históricos que não possuem o Brasil como foco⁸. Contudo, em um dos seus textos, o Brasil e, mais especificamente, sua relação com o país ganham destaque. No texto de caráter político intitulado *A sus compatriotas* (1855), Lamas manifesta seu olhar, muito entrelaçado às questões diplomáticas, sobre o Império. Nele o diplomata justifica-se, como já mencionado, pelos Tratados de 1851. Por isso, será objeto de análise neste item. Além disso, destacaremos uma carta de sua autoria sobre o fim da escravidão no Brasil, escrita em 1888, mas publicada apenas em 1894 na *Revista do IHGB*. Através deste conjunto de textos com características distintas, buscaremos mapear as formas como ambos se referem ao Brasil e, assim, suas visões, olhares e ideias sobre o Império e o Imperador.

Longe de uma aversão à monarquia brasileira e a D. Pedro II, o olhar de Mitre é marcado pela compreensão do seu papel na construção da unidade nacional e, principalmente, por uma leitura estratégica acerca da aproximação com o país. Nesta leitura, diante da amplitude e da força do Império, seria mais interessante dialogar do que rivalizar. Nas décadas de 1870 e 1880, últimas da monarquia no Brasil, o país aparece frequentemente e com destaque de primeira página no jornal *La Nación*⁹. Embora encontremos um tom mais

⁸ Entre estes trabalhos, destacamos: *Apuntes históricos sobre las agresiones del dictador argentino D. Juan Manuel Rosas contra la independencia de la República Oriental del Uruguay - 1828 a 1838*, de 1849; *Colección de memorias y documentos para la historia y la geografía de los Pueblos del Río de la Plata*, também de 1849; e *El génesis de la revolución en la independencia de la América Española*, de 1890.

⁹ Os artigos do *La Nación*, em sua maioria, não possuem assinatura. Com isto, não podemos afirmar a autoria de Mitre. Compreendemos que o jornal não deve ser entendido apenas como expressão das ideias do seu fundador. Mas, sem dúvida, há uma linha editorial convergente com o pensamento mitrista. Além disso, suas posições



agressivo em momentos de disputas políticas e diplomáticas, como o contexto da missão Mitre em 1872, prevalecem referências pautadas na unidade, na homogeneidade, no liberalismo e na democracia. De um modo geral, a monarquia, tal como adotada no Brasil, é descrita de forma positiva e como uma parceria a ser conquistada. Em artigo de 24 de novembro de 1871, que trata da chegada de Mitre ao Rio de Janeiro, as referências ao Imperador e sua esposa, então em viagem pela Europa, são bastante elogiosas:

No son solo los periódicos ingleses, belgas, españoles y portugueses los que hacen encomios merecidos á los vastos conocimientos del emperador y á la amabilidad y fino trato de los monarcas del Brasil; los alemanes forman también coro con ellos, y se admiran de la actividad del príncipe y de la extensión de sus conocimientos. Tenemos motivos para decir que el viaje del Emperador à Europa ha de producir ventajas muy notables para este país, en particular, y para la América, en general. Hay entre nosotros americanos una fraternidad tan laudable que nos identifica en nuestras glorias y reveses. Debemos fomentar por todos los medios imaginables esa fraternidad (...). La libertad ha echado en el continente de Colon raíces tan hondas que imperio y repúblicas se hermanan y sostienen mutuamente como hijos de una misma madre (LA NACIÓN, 24/11/1871).

No artigo, Dom Pedro II aparece como possuidor de vastos conhecimentos, amável e educado, bem representando o Brasil - e, por extensão, a América - na Europa. Além disso, encontramos a forte defesa da aproximação entre os países em razão de uma fraternidade que uniria a região. Essa fraternidade seria fruto da liberdade, segundo o texto, tão profunda que irmanaria Império e Repúblicas. Há nessas palavras um sentido político e diplomático, considerando-se o contexto histórico de acordos e tensões pós-guerra.

Em 03 de outubro de 1875, D. Pedro aparece mais uma vez como “hombre ilustrado y que tiene mucho de las calidades del filósofo” (LA NACIÓN, 03/10/1875). Ainda sobre ele: “Hablando correctamente casi todos los idiomas vivos, gusta conversar como un pensador con los extranjeros que le visitan y es expansivo con ellos” (LA NACIÓN, 03/10/1875). O artigo defende ainda a aproximação, que deveria se dar por vias institucionais, como capaz de produzir maiores benefícios para o presente e o futuro. A ideia de que era preciso manter relações cordiais recíprocas com o Império é retomada em 1880, quando o próprio Mitre escreve sobre a política externa argentina e aponta que seu país e o Brasil tinham muito em comum cultural e historicamente, carregando a responsabilidade de garantia da paz na região. Segundo ele, o Brasil seria “la nación que en el mundo puede hacernos más bien y más mal”

acerca do Brasil estão muito próximas das que encontramos em cartas e em textos assinados por Mitre, conforme veremos adiante.



(LA NACIÓN, 04/11/1880). Por isso, caminhos diplomáticos deveriam ser utilizados para manter as boas relações.

No ano de 1888 encontramos entre os meses de março e setembro importantes referências à abolição dos escravos. No dia 17 de março, a abolição é apresentada como um fato inevitável. O jornal afirma que, após sua concretização, a questão seria como cuidar do escravo liberto e sugere que o problema seria resolvido pela “generosidade” do brasileiro. O texto menciona supostas relações pacíficas entre brancos e negros: “El brasilero, generoso por naturaleza, y que no profesa la aversión del anglo-sajón hacia el hombre de color, se ha acostumbrado a ver en el negro casi un semejante (...)” (LA NACIÓN, 17/03/1888). Ao mesmo tempo, defende medidas que garantissem a tranquilidade pública e evitassem que os negros libertos se convertessem em perigo para o país. Em 21 de julho de 1888, a abolição da escravidão também aparece. Segundo a publicação, a notícia da assinatura da Lei Áurea no dia 13 de maio teria gerado regozijo público na Argentina. Seria a abolição “un hecho que honra a una nación amiga y a la humanidad, acercándola más a nosotros en el sentimiento” (LA NACIÓN, 21/07/1888). Em edição de 7 de setembro de 1888, na qual comemora a independência brasileira, o jornal menciona um trecho do livro *Historia de San Martín*, de Mitre, que se refere ao Brasil como “una democracia coronada” (LA NACIÓN, 07/09/1888).

Não por acaso o livro de Mitre é citado pelo jornal. Não apenas a autoria, mas a apreciação em torno da monarquia o tornam relevante naquele momento e, também, para os argumentos defendidos neste artigo. Em *Historia de San Martín*, a partir do enfoque das biografias de homens ilustres que lhe é caro, Mitre utiliza-se de extensa documentação a fim de relacionar a vida de San Martín à independência das novas nações sul-americanas. Defende a ideia de que San Martín compunha, com George Washington e Simón Bolívar, um trio de libertadores republicanos do novo mundo. Trata, de forma integrada, dos casos da Argentina, do Chile, do Peru, da Venezuela, do Equador e da Colômbia. Apesar de compreender as revoluções de independência americanas como essencialmente republicanas, não deixa de destacar os projetos monarquistas existentes no período. Contudo, segundo o autor, quando a monarquia aparecia era um acontecimento isolado e passageiro.

Quanto ao caso brasileiro, Mitre apresenta uma interessante interpretação. Para o autor, o único fato que parecia indicar que a monarquia poderia se aclimatar nas Américas era o Brasil. Não obstante, defende que o país teria participado das influências do meio ainda que em menor escala que os demais países da região. Assim, teria absorvido os reis quando o



trono foi trasladado para cá, sendo a “revolução de sua independência” feita pelo príncipe pacificamente através da transição entre o antigo e o novo regime. Quando este não respondeu ao “espírito nacional”, os súditos o despediram. A partir desse argumento, Mitre define o Império brasileiro: “(...) democrático, sin privilegios y sin nobleza hereditaria, que no tenía de monárquico sino el nombre (...). Así, el imperio del Brasil no es en realidad sino una democracia con corona” (MITRE, 1887, p. 106). Ideia de democracia coroada reproduzida pelo *La Nación*, em 1888.

Soma-se a este debate a carta enviada por Mitre ao Visconde do Rio Branco, em 1875, na qual elogia a atuação do “amigo” Visconde ao impedir “el mal y la verguenza de las revoluciones violentas” no Brasil. Diz ainda que ele mesmo teria sido revolucionário na Argentina no sentido de “fundar cosas durables”, garantindo “la unidad nacional por primera vez” e criando meios “para que ellas [as revoluções] no tuviesen razón de ser”. Para ele, o que valia era a “revolución pacífica que se opera por el trabajo lento de todos los días” (MITRE, 1875). Complementa demonstrando sua admiração pelas supostas características pacíficas do Império e se dizendo seu representante na Argentina. De forma ambígua, defende revoluções pacíficas tendo liderado guerras sangrentas em seu país e fora dele.

Cabe aqui acrescentar que a definição da monarquia como estável e garantidora da liberdade e da unidade nacional foi elaborada e defendida pelos historiadores do IHGB ao longo do século XIX no processo de escrita da história da nação (GUIMARÃES, 1988). As ideias de tranquilidade, paz, ordem, liberdade e democracia presentes em Mitre podem ser consideradas um sintoma dos efeitos que esta construção teve na imagem do Brasil para o exterior. Isto porque, como afirma Manoel Salgado Guimarães, “articulada ao projeto de construção da nação, a escrita da história nacional tem assim os seus destinatários, não apenas no plano interno, como também no externo” (GUIMARÃES, 1988, p. 13).

Andrés Lamas, por sua vez, acreditava na aliança com o Brasil como necessária para a manutenção da independência uruguaia. Assim, o tom pelo qual se dirigia ao Império era em geral muito favorável e elogioso. Como vimos, isto contribuiu para as críticas sofridas a partir da assinatura dos Tratados de 1851. Por isso, publicou em 1855 o livro *A sus compatriotas*, obra de caráter marcadamente político na qual apresenta, com a finalidade de justificar-se, muitas de suas impressões positivas sobre o Brasil e a aliança com o país. Em tom de manifesto, o texto rejeitava divisões políticas e defendia a fusão e a criação de um partido de ideias. Projetava ainda mudanças na estrutura econômica, a reorganização da administração



pública e reformas judiciais e militares, tendo como base a estreita aliança com o Brasil que, segundo Lamas, seria o único caminho possível para a estabilidade do país (CAETANO, 2019, p. 84). Foi a partir desse manifesto que se formou a chamada União Liberal e que Flores e Oribe encerraram suas disputas e firmaram o Pacto da União em 11 de novembro de 1855 (CAETANO, 2019, p. 85). A obra-manifesto, portanto, teve importante impacto político no período. Logo no início, Lamas declara:

Consagrado, hace largos años, a buscar en la Alianza-Brazileira un punto de apoyo, *primero para salvar la independencia de mi Patria, después para fortificarla por los beneficios de la paz y de un orden regular*, he soportado, con resignación y en silencio, la parte que me ha cabido en las contrariedades que ha encontrado esa buena obra (...) [grifo nosso] (LAMAS, 1855, p. 3-4).

Afirma que a aliança com o Brasil naquele momento estaria em risco e critica o que chama de extravio da opinião pública. Coloca-se ainda como honrado pelos ataques sofridos:

He tenido el honor de que en mi persona fuese atacada la causa de la Alianza. Los que han supuesto malas y desleales intenciones al Brasil, me han supuesto instrumento suyo. Actos y palabras mías insidiosamente dislocadas, adulteradas en su sentido, arrojadas irregularmente a la circulación, han sido severamente juzgadas contra mí, contra las intenciones del Brasil (...) (LAMAS, 1855, p. 4-5).

Diz que pretende restabelecer a verdade dos fatos e apresenta grande credulidade nas intenções do Brasil ao afirmar não conhecer um estadista brasileiro que não repelisse a ideia de incorporação do Estado Oriental ao Império. Todos eles saberiam da impossibilidade de reunir os dois países e das dificuldades internas e externas que isso traria. A experiência de 1851 teria provado os interesses do Brasil “por actos de justicia, de generosidad y de benevolencia” (LAMAS, 1855, p. 8). Refere-se à política brasileira como “pura” e “sincera”. Critica, assim, a oposição ao Brasil, defendendo sua política no Prata:

Esa oposición inhábil ha contribuido a privar al país y a todo el Río de la Plata de los beneficios positivos de la apariencia de la paz. Ha perjudicado al Río de la Plata, lo ha debilitado. Esa oposición ha enervado la acción benéfica de la intervención Brazileira en el Estado Oriental (LAMAS, 1855, p. 11).

Declara sua não aprovação à política de neutralidade do Império que evitara interferir diretamente nas questões do Prata até a guerra contra Rosas. Justifica, então, os tratados pela necessidade de oferecer uma política mais conveniente ao Império a fim de, em troca, obter



seu apoio. Defende ainda as intenções do Brasil e o respeito que teria à independência Oriental:

No aprobé la abstención del Brasil en la dirección que se daba a nuestra política interna (...) *Pero no puedo dejar de hacer pública justicia á las intenciones del Brasil. Si es un error el que ha cometido, ese error és hijo de su respeto á la independencia del Gobierno Oriental* (...) [grifos nossos] (LAMAS, 1855, p. 12).

Acrescenta, em uma clara narrativa de defesa da sua atuação, que o “inteligentíssimo” governo imperial nele havia encontrado “verdade” e “dignidade”, apesar de muitas vezes tê-lo desagradado. Por isso, recebia distinções as quais seus opositores definiam como “prostituição”. Afirma não ter recebido benefícios pessoais do Brasil e nunca ter “arrastado a dignidade” do seu país nos salões imperiais:

El gobierno del Brasil, como *gobierno inteligentísimo*, sabe que la mejor de todas las bases, que la única base sólida, para los pueblos como para los hombres, es la verdad y la dignidad.
En mí encontré verdad y dignidad; le desagradé muchas veces, no lo engañé jamás.
He ahí, Orientales, *el secreto de las distinciones que he merecido del gobierno imperial, de esas distinciones que se han interpretado tan siniestramente y que los hombres capaces de prostituirse han llamado prostitución.*
Todos los obsequios que yo he recibido del Brasil han sido en servicio de mi país: no he recibido de él el leve servicio personal.
Jamás he arrastrado en los salones imperiales la dignidad de mi tierra [grifos nossos] (LAMAS, 1855, p. 14).

Conforme já mencionado, *A sus compatriotas* é um manifesto político no qual, abertamente, Lamas busca registrar sua própria narrativa em defesa da aliança brasileira, de sua atuação nos acordos de 1851, desfavoráveis ao Uruguai, e de sua própria relação com o governo e os salões imperiais. Pressionado e acusado de traição, ele se empenhava em explicar suas ações e expor suas motivações aos seus compatriotas. Defender as boas intenções do Império brasileiro é, nesse texto, também parte dessa construção.

Não obstante, o discurso é reproduzido em outras ocasiões, entre as quais uma nos chama a atenção pelo conteúdo direcionado à abolição no Brasil (tema que também interessou, como vimos, ao *La Nación*). Muito tempo depois da publicação de *A sus compatriotas*, em carta ao Barão de Alencar, de 1888, publicada posteriormente, em 1894, na *Revista do IHGB*, Lamas trata da abolição no Brasil. Nela fala do grande e fraternal movimento de opinião que se produz nos povos do Prata pela lei de emancipação da escravidão no país. Além disso, refere-se ao Imperador como “eminente Americano que



ocupa el trono Imperial” (LAMAS, 1894, p.155) e que aspirava o fim da escravidão, o que teria sido possível de se apreciar desde 1871. Elogia a lei de 1871, Lei do Ventre Livre, e fala dos supostos sentimentos filantrópicos que a viabilizaram. Afirma que, neste contexto, uma recíproca cultura e a compreensão de interesses teriam se sobreposto às preocupações e antagonismos. Reforça ainda a ideia comum entre ele e Mitre de que os países estão “hermanados por aspiraciones y por sentimientos que les son comunes” (LAMAS, 1894, p. 158). Finaliza desejando prosperidade ao Brasil e a pronta recuperação da saúde do Imperador. O tom, portanto, quase 30 anos depois de *A sus compatriotas* e já nos seus últimos anos de vida continua bastante elogioso ao Império.

Vemos, deste modo, que algumas vozes proeminentes no Oitocentos, como as de Mitre e Lamas, divergiram em muitos momentos da agressividade esperada das rivalidades entre os países. Suas ideias sobre o Império envolviam desconfianças, mas também admiração e inspiração para a construção e legitimação dos seus próprios projetos nacionais. Se em seus países eram acusados pelos vínculos imperiais, defendiam-se apontando no Brasil um parceiro estratégico e na aliança uma necessidade. O olhar estratégico, contudo, não elimina o interesse pelo conhecimento do outro tão próximo e tão diferente. Um outro que também está se construindo como Estado nacional, consolidando suas instituições, forjando uma nacionalidade e uma identidade, buscando unidade e pensando sua política externa na relação direta com os vizinhos republicanos. Questões comuns que os conectam e demandam uma leitura transnacional e dinâmica.

Considerações Finais

O debate proposto neste artigo relaciona Mitre, Lamas e o Império brasileiro a partir de três eixos principais: diplomacia, estudos históricos e sociabilidades intelectuais. As duas primeiras esferas se encontram amplamente conectadas no Oitocentos. Não por acaso inúmeros eram os diplomatas historiadores e os historiadores diplomatas no período, caracterizado, vale lembrar, pela falta de profissionalização em ambos os casos. As sociabilidades, por sua vez, facilitam negociações diplomáticas e o acesso a documentos necessários à escrita das histórias nacionais em formação em um contexto de falta de institucionalização, de organização arquivística e de recursos financeiros. Mitre e Lamas, a partir de seus textos, mas também de suas viagens, missões diplomáticas e redes de



sociabilidade no Brasil, possibilitam uma instigante janela de reflexão para essas questões. Ao mesmo tempo, permitem uma percepção mais profunda das relações entre o Império e as repúblicas vizinhas. Interessados no país vizinho, eram também interessantes a seus políticos e intelectuais pela necessidade de conhecimento do outro que os cerca. Além disso, razões estratégicas mobilizam esta aproximação, a fim de se obter a garantia das independências de seus países e, concomitantemente, o reconhecimento como políticos, diplomatas e historiadores. Assim, ao se considerar as ideias desses homens sobre o Brasil é preciso levar em conta esta dupla motivação: o interesse pelo conhecimento do outro e as estratégias políticas de garantia da própria existência.

A já citada fala do Mitre no *La Nación*, em 1880, ao defender as relações entre Brasil e Argentina, em nossa leitura, comprova esse argumento. Para ele, o Brasil era a nação no mundo que mais poderia lhes fazer bem ou mal. Este temor, fruto das desconfianças e do estranhamento recíprocos e da tentativa imperial de domínio da região, portanto, não se manifestava apenas no afastamento, nas falas de oposição e nas guerras; manifesta-se também nas propostas de aproximação. Por essa razão, consideramos o binômio monarquia *versus* república insuficiente para dar conta das relações entre o Império brasileiro e os países republicanos que o cercam, com ênfase, evidentemente, nos casos da Argentina e do Uruguai, recortes aqui estudados. Afinal, ainda que as divergências entre as diferentes formas de governo não possam ser desconsideradas, se pensarmos pela via das interconexões, fugindo às fronteiras nacionais, encontraremos outros caminhos de análise para além do afastamento e, sobretudo, do isolamento - chave pela qual a historiografia frequentemente analisou a inserção do Brasil na América Latina.

As rivalidades são, portanto, transpassadas por muitas e complexas nuances que devem ser descortinadas. Nesse sentido, a circulação destes homens pelo Império tornou-se também um ponto chave na análise. Viajando, exilando-se ou residindo no Brasil, Mitre e Lamas ampliaram seus conhecimentos sobre o país e suas redes de sociabilidade, inseriram-se institucionalmente, mediaram acordos e reuniram documentos e livros necessários ao seu trabalho histórico. Esta forte inserção e estas redes transnacionais foram, em diferentes momentos acionadas, a fim de se viabilizar uma mediação e, por conseguinte, uma solução para os conflitos. Ou seja, quando as tensões se aprofundavam, eram sujeitos como Mitre e Lamas os convocados ao trabalho de negociação, apaziguamento e pacificação. Sujeitos que circulavam pelo Império e que conheciam sua história, sua política e seus representantes mais



ilustres, não sujeitos isolados. Para compreendê-los, portanto, a abordagem das interconexões e das transnacionalidades, em especial nesse momento de nacionalidades fluidas, mostrou-se uma importante direção. Interferindo no próprio olhar sobre o objeto, permite-nos analisar interesses e desafios para além do nacional, sem eliminar, evidentemente, a defesa dos Estados nacionais em formação, pauta fundamental à época. Ou seja, se o nacional era central, construí-lo na relação com os vizinhos era necessário e estratégico, o que coloca ao pesquisador da história intelectual uma série de temas e problemas comuns, conjugados, interconectados.

Buscando dar conta de parte destes temas e problemas, optamos por um percurso que insere Mitre e Lamas como viajantes e residentes no Brasil, os coloca em diálogo entre si e, por fim, traz algumas de suas ideias sobre o Império e o Imperador. Fica claro que para estes sujeitos o Brasil era sim questão obrigatória em seus interesses e estratégias. Para além do gigante em busca de domínio, e talvez justamente por isso, o Império compunha seus cotidianos, suas relações e suas ambições expressas em correspondências, artigos de periódicos e livros e, simultaneamente, em suas ações políticas e diplomáticas.

Fontes:

Actas das Sessões de 1871 - 16ª sessão - 01 de dezembro de 1871. *Revista do IHGB*. Tomo XXXIV, parte segunda, Rio de Janeiro, p. 348-351, 1871.

Carta de Andrés Lamas sobre a lei de extinção da escravidão. *RIHGB* - 57(89), p. 155-158, 1894.

Carta de Bartolomé Mitre ao Visconde do Rio Branco, 12 de fevereiro de 1875. In: *Cadernos do CHDD*. Brasília: FUNAG, 2005, p. 191-192.

Carta do Imperador D. Pedro II ao Presidente da República do Uruguai. Rio de Janeiro, 04 de dezembro de 1860.

D. Andrés Lamas e o Brasil. Conferência do Sr. Cláudio Ganns. *RIHGB* - 179, p. 212-231, Abril/Junho de 1943.

El Nacional, 14 de setembro de 1853.

Escritos Selectos del Doctor Andrés Lamas - Tomo I. Montevideo: Arduino Hermanos, 1922.

LAMAS, Andrés. *A sus compatriotas*. Rio de Janeiro: Imprenta Imp. Y Const. De J. Villeneuve y Comp., 1855.

La Nación, edições de 24 de novembro de 1871; 03 de outubro de 1875; 04 de novembro de 1880; 17 de março de 1888; 21 de julho de 1888; 07 de setembro de 1888.

MITRE, Bartolomé. *Correspondencia literaria, histórica y política del General Bartolomé Mitre*. T. I. Buenos Aires: Coni, 1912 - Carta de Mitre a Lamas, 04 de março de 1853, p. 42-45; Carta de Lamas a Mitre, 26 de março de 1854, p. 54-61; Carta de Mitre a Lamas, 01 de julho de 1854, p. 62-65; Carta de Lamas a Mitre, 14 de novembro de 1854, p. 129-130; Carta de Lamas a Mitre, 12 de outubro de 1862, p. 176-177; Carta de Lamas a Mitre, 22 de dezembro de 1862, p. 180-181.



MITRE, Bartolomé. *Historia de San Martin y de la emancipación sud-americana*. Buenos Aires: Imprenta de “La Nación”, 1887.

Referências:

ALTAMIRANO, Carlos. Introducción general. In: ALTAMIRANO, Carlos (Dir.). *Historia de los intelectuales en América Latina*. I. La ciudad letrada, de la conquista al modernismo. MYERS, Jorge (Ed. del volumen). Buenos Aires: Katz, 2008, p. 9-27.

BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

CAETANO, Gerardo. *Historia mínima de Uruguay*. Montevideu: El Colegio de México, 2019.

CORBO, Tomás Sansón. *El espacio historiográfico rioplatense y sus dinámicas (siglo XIX)*. La Plata: Instituto Cultural de la Provincia de Buenos Aires, 2011.

_____. *Despertar en Petrópolis: Andrés Lamas y la influencia de Brasil en la Historia de los Estados de la Cuenca del Plata en el siglo XIX*. Montevideu: Sicut Serpentes, 2015.

_____. Andrés Lamas y la influencia de Brasil en la historiografía rioplatense en el siglo XIX. In: KLEIN, Ana Inez et al (Orgs.). *Estudos de História Regional Platina* [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Editora Fi, 2018, p. 63-82.

DELEÓN, Nicolás Arenas. Un hombre para narrar la nación. Andrés Lamas y la Historia de la República Oriental del Uruguay. *Historiolo. Revista de Historia Regional y Local*, v. 11, n. 22, p. 97-125, Julio-Diciembre 2019.

DE MARCO, Miguel Ángel. *Bartolomé Mitre. Biografía*. Buenos Aires: Emecé, 2004.

DEVOTO, Fernando. La construcción del relato de los orígenes en Argentina, Brasil y Uruguay: las historias nacionales de Varnhagen, Mitre y Bauzá. In: ALTAMIRANO, Carlos (Dir.). *Historia de los intelectuales en América Latina*. I. La ciudad letrada, de la conquista al modernismo. MYERS, Jorge (Ed. del volumen). Buenos Aires: Katz, 2008, p. 269-289.

DORATIOTO, Francisco. *Maldita guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. *O Brasil no Rio Prata (1822-1994)*. Brasília: FUNAG, 2014.

FERREIRA, Gabriela Nunes. *O Rio da Prata e a consolidação do Estado Imperial*. SP: Hucitec, 2006.

GINZBURG, Carlo. Tusitala e seu leitor polonês. *Nenhuma Ilha é uma Ilha: Quatro visões da literatura inglesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 91-113.

GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. *Da Escola Palatina ao Silogeu. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1889-1938)*. Rio de Janeiro: Editora Museu da República, 2006.

GUIMARÃES, Manoel Salgado. Nação e civilização nos trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a proposta de uma história nacional. *Revista Estudos Históricas*, v. 1, n. 1, p. 5-27, 1988.

NAHUM, Benjamín. *Manual de historia del Uruguay - Tomo I: 1830-1903*. Montevideu: Ediciones de la Banda Oriental, 2019.

PRADO, Maria Ligia Coelho. O Brasil e a distante América do Sul. *Revista de História*, 145, p. 127-149, 2001.



_____. América Latina: Historia comparada, historias conectadas, historia transnacional. *Anuario n. 24, Escuela de Historia, Revista Digital n. 3*, Facultad de Humanidades y Artes (UNR), p. 9-22, 2011-2012.

SÁ, Maria Elisa Noronha de. Visões sobre o Império do Brasil. In: COSTA, Adriane Vidal; PALTÍ, Elías J. *História intelectual e circulação de ideias na América Latina nos séculos XIX e XX*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2021, p. 17-51.

SIRINELLI, Jean-François. Le hasard ou la nécessité? Une histoire en chantier: l'histoire des intellectuels. *Vingtième Siècle. Revue d'histoire*, n. 9, p. 97-108, janeiro/março de 1986.

_____. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma História Política*. 2ª ed. RJ: FGV, 2003, p. 231-269.

WASSERMAN, Fabio. *Entre Clio y la Polis: conocimiento histórico y representaciones del pasado en el Río de La Plata (1830-1860)*. Buenos Aires: Editorial Teseo, 2008.

WASSERMAN, Fabio. La Generacion de 1837 y el proceso de construccion da la identidad nacional argentina. *Boletin del Instituto de Historia Argentina y Americana "Dr. Emilio Ravignani"*, Tercera serie, numer. 15, p. 7-34, 1er semestre de 1997.